

# Educação e movimentos sociais: registro do TORÉ POTIGUARA - a força da espiritualidade

Paulo Roberto Palhano Silva<sup>1</sup>

José Mateus do Nascimento<sup>2</sup>

“A força da espiritualidade Indígena Potiguara” é a denominação da exposição fotográfica, produto do olhar sociológico, como parte das ações de pesquisa desenvolvidas pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Etnia e Economia Solidária - GEPEesS – Universidade Federal da Paraíba – UFPB (2009-2114).

Há cinco anos, convivemos com o Povo Indígena Potiguara, o que tornou possível o estabelecimento da confiança e da lealdade, gerando laços de amizade e respeito mútuo. Sua territorialidade situa-se em 32 aldeias em Rio Tinto, Marcação e Baía da Traição, nas terras da Paraíba, mas há registros dos Potiguara no Catu, em Canguaretama, em Goianinha, Baía Formosa e no Amarelão, em João Câmara, no estado do Rio Grande do Norte, além do Ceará. Os registros históricos indicam a existência do Povo Indígena Potiguara desde 1500, resistência étnica que atravessa séculos, alimentando-se do cultivo de práticas ritualísticas espirituais, culturais e das tradições.

Atualmente, os Potiguara reconquistaram grande parte de suas terras, onde vivem buscando retomar a harmonia com a natureza e com as forças dos elementos: fogo, ar, terra e água. Na região, há um conjunto de escolas indígenas de ensino fundamental e médio que vem retomando a cultura, a língua materna Tupy, tratando da inculturalidade, com calendários e currículos escolares que tratem de aprofundar conhecimentos na tradição e nos valores da etnia. Cerca de 500 indígenas já têm acesso ao ensino universitário, ampliando e fortalecendo o capital cultural Potiguara. Alguns grupos de pesquisa e extensão universitária vêm aproximando-se dessa etnia, objetivando acompanhá-la, estudá-la, apoiá-la, mas certamente nunca descobriram os segredos de sua longa e profícua existência.

O ritual do Toré, vivenciado em coletivo, reunindo desde os Curumins (crianças) ao Cacique Geral, Caciques, Pajés, Troncos Velhos e demais indígenas é expressão da cultura, do sagrado, numa prática milenar, capaz de trazer benefícios por renovar as energias, gerar ânimo para enfrentar os desafios, fortalecer laços de amizade, livrar-se de problemas, e muitos manifestam que se aproximam dos espíritos dos seus ancestrais.

<sup>1</sup>**PALHANO SILVA, Paulo Roberto** Professor Doutor na UFPB. E-mail: [HYPERLINK “mailto:ppalhano1@gmail.com”](mailto:ppalhano1@gmail.com) ppalhano1@gmail.com

<sup>2</sup>**NASCIMENTO, José Mateus do** Professor Doutor no IFRN. E-mail: [HYPERLINK “mailto:zenmateus@gmail.com”](mailto:zenmateus@gmail.com) zenmateus@gmail.com



**Foto 1** – CURUMINS POTIGUARA CONDUZEM OFERENDAS AO DEUS TUPÃ, em agradecimento pela reabertura da escola. Ritual do Toré. Local: Marcação – PB, 2013.

Os Curumins são introduzidos nas festividades da Etnia Potiguar já a partir dos primeiros dias de vida. Os Curumins aprendem pela pedagogia da existência a ofertar as primícias da mãe terra durante o ritual Toré. Acreditam os Potiguaras que os Curumins presentes nas atividades ritualísticas possam incorporar pela vivência e compreensão os valores étnicos, e externá-los nos ambientes diversos de suas vidas. A cena reflete um ato revestido de simbologia e significação, momento em que as crianças indígenas são iniciadas na tradição Potiguar. As famílias, os troncos velhos, troncos novos, aliados à escola indígena promovem a pedagogia da Etnoeducação Potiguar.



**Foto 2** – ESSÊNCIA DO RITUAL POTIGUARA. Ritual do Toré. Local: Aldeia São Francisco – Baía da Traição, 2013.

O Toré é um ritual sagrado marcado pela musicalidade, que une toda a comunidade Potiguara e Parentes, em dança circular, harmoniosa, onde de forma sincronizada, seus corpos bailam trajados com adornos, colares, cocás, saias de jangada, brincos e além de pintados com de jenipapo e urucum. Tocam pífanos, tambores e maracas. Fumando cachimbos da paz e tomando o líquido precioso da jurema. A sintonia desses elementos promovem a singularidade da ritualística que envolve cada indígena Potiguara. Com os pés na mãe terra, lançam em coro seus cantos, buscando proteção e agradecendo aos “espíritos de luz”, aos ancestrais e, especialmente, a Tupã.



**Foto 3** – INCENSOS, AROMAS E ANCESTRALIDADES.  
Ritual do Toré. Local: Terreiro Sagrado – São Francisco – Baía da Traição, 2013.

Potiguara vivenciam e cultivam o Toré como uma ritualização cultural, religiosa e política, fundamental para suas vidas e as tradições étnicas. Com a emergência étnica iniciada em 1984, o ritual do Toré toma amplitude, deixando de ser praticado às escondidas nas matas, para reunir toda a nação, os parentes e os brancos no Terreiro Sagrado das Furnas na Aldeia Mãe, São Francisco, em Baía da Traição, por exemplo. Com seus corpos pintados, indígenas realizam práticas ritualísticas e das tradições, incorporando e externando sua mística espiritual, que exige concentração, profunda reverência, meditação, devoção e fé, vivida de forma individual e coletiva na busca do encontro maior com suas divindades. Cada gesto e movimento contribuem para a dinâmica e a sintonia do momento místico. A disposição e envolvimento de cada integrante influencia na promoção de um grande momento de transcendência, sendo espaço de vivência singular e instante de reatualização das tradições.



**Foto 4** – MUSICALIDADE, DANÇA E TRANSCENDÊNCIA. Ritual do Toré.  
Local: Terreiro Sagrado – São Francisco – Baía da Traição, 2013.

O cerimonial do Toré, geralmente, é iniciado com a palavra do dirigente indígena, Cacique Geral ou Pajé, que faz a saudação aos participantes. Em seguida, forma-se ao centro uma pequena roda composta pelo Cacique Geral, o Pajé, os membros da banda musical. Esse grupo é responsável por gerar todos os ritmos do Toré. Definem as músicas, tocam tambores, gaita, maracás e iniciam a entoada dos cânticos, empunham flechas e outros instrumentos, sendo ladeada por novas rodas: uma que congrega os demais caciques, anciãos e pajés, seguidas de outras rotas constituídas por membros da etnia potiguara, parentes e visitantes, que, em círculos, dançam de forma intensa ao som de um extenso repertório musical: “Louça fina”, “Santo Reino”, Galo Preto”, “O sol”, “Os cabocos”, “Tapuia”, “Toquim”, “Camisa”, Pedra Fina”, “Oh Mãe de Deus”, “Caboclas de Pena”, “Caboquinha”, Guarapirá”, dentre outras. Das matas é extraída da planta “jurema” uma preciosa substância que é servida no ritual do Toré. Jurema é um dos ícones que integram o coletivo de símbolos sagrados da expressiva identidade Potiguara.



**Foto 5** – VIVÊNCIA DO TORÉ - ENCONTRO DE GERAÇÕES. Ritual do Toré.  
Local: Terreiro Sagrado – São Francisco – Baía da Traição, 2013.

O ritual é espaço ritualístico espiritual, onde os Potiguara buscam as energias de proteção e purificação dos seus corpos para suas famílias e toda etnia. Do cachimbo sai a fumaça que perfuma o ambiente, limpa os corpos, purifica à alma e as vestimentas. O ritual Toré, além de ser espaço de partilha das tradições, é por natureza espaço de inclusão social dos indígenas de todas as faixas etárias. O ritual pode acontecer no Terreiro Sagrado, na escola ou numa festa popular, ter motivação variadas: reivindicar direitos, comemorar conquistas, retomada de território ou mesmo em momentos de purador. Ao realizarem a prática ritualística do Toré, os Potiguara cultivam a práxis educativa Potiguara, deixada pelos seus ancestrais. Explicitam os Potiguara, que, quando estão dançando o Toré, há momentos em que chegam a levitar, seus corpos ficam fortalecidos pelos espíritos de luz. Com a musicalidade, os corpos bailam e os conflitos internos ficam apaziguados, dando lugar para novos pensamentos. O Toré revitaliza os indígenas para que enfrentem a vida, gerando “ligações espirituais” com a mãe natureza, com seus ancestrais e Tupã, abrindo os caminhos para os passos firmes na caminhada Potiguara.



**Foto 6** – MULHER INDÍGENA POTIGUARA - GUARDIÃ DAS TRADIÇÕES ÉTNICAS E DO SABER POPULAR. Ritual do Toré. Local: Terreiro Sagrado – São Francisco – Baía da Traição, 2013.

As mulheres Potiguaras são guardiãs da cultura Potiguara, como também responsáveis pelas iniciação dos curumins nas tradições e demais rituais indígenas. Com suas práticas, perpetuam os costumes e as crenças, inclusive com relação à culinária, exposta em barracas durante as diversas festividades, especialmente nas comemorações do dia 19 de abril. As mulheres indígenas também assumem a posição de liderança nas aldeias e promovem o fortalecimento das políticas de autoafirmação da etnia. Exercitam a sabedoria popular através da musicalidade, das rezas, cantigas, danças, comidas, ferramentas, dos cultivos de plantas e animais, segredos dos encantamentos, das histórias, dos sabores da sobrevivência. Com os Troncos Velhos (anciãos) todos os membros da aldeia exercitam e aprendem a “Pedagogia Existencial”, caracterizada por oportunizar o aprender com a natureza, viver em comuna, partilhar, valorizar as tradições, realizando uma práxis educativa transmitida de geração em geração, fazendo perpetuar-se a educação Potiguara.

**REFERÊNCIAS**

ARRUTI, José Maurício Andion. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 57-94. 1995.

BARCELLOS, Lusival. **As Práticas educativo-religiosas dos índios Potiguara da Paraíba**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *La Distinction*. Paris, PUF, 1979.

NASCIMENTO, José Mateus e PALHANO SILVA, Paulo Roberto. Educação escolar indígena Potiguara. In: NASCIMENTO, José Mateus (org.) **Etnoeducação Potiguara: Pedagogia da existência e das Tradições**. João Pessoa: Ideia Editora, 2012, p. 75-85.

PALITOT, Estevão Martins. **Os Potiguara da Baía da Traição e Monte-Mór: história, etnicidade e cultura**. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005.

PALHANO SILVA, Paulo Roberto. **MST, HABITUS E CAMPO EDUCACIONAL: Plantando as sementes de uma educação libertadora**. Natal: UFRN, 2004. (Tese de Doutorado).

SILVA, Almir Batista. **A religião dos Potiguara na aldeia de São Francisco da Paraíba**. 2011. 270 p. il. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

**Texto:** Paulo Roberto Palhano Silva e José Mateus do Nascimento

**Fotos:** Paulo Roberto Palhano Silva

**Data das fotografias:** 2013

**Revisão:** Maria Aparecida da Silva Fernandes

**Produção:** GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, ETNIA E ECONOMIA SOLIDÁRIA – CCAE- UFPB